

## **CAPÍTULO 5**

História(s) do grupo projeto creche: teia(s) de aprendizagem

### **Isabel Simões Dias**

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/ Politécnico de Leiria  
Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV) – membro integrado  
Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) – membro colaborador  
isabel.dias@ipleiria.pt

## Introdução

Este artigo procura caracterizar o Grupo Projeto Creche (GPC), revelando a(s) história(s) coconstruídas em teias relacionais que têm permitido o (re)conhecimento e a (res)significação de saberes dos participantes do grupo. A partir de narrativas de situações emergentes do quotidiano, entendidas como oportunidades de consideração e de atribuição de significado educativo, o grupo estimula a reflexão (oral e escrita) e a transformação pessoal e profissional. Com o olhar de cada participante sobre as ações e situações relatadas, em diálogo, constrói-se e aprofunda-se a compreensão do trabalho pedagógico realizado em contexto de Educação de Infância.

Descrevemos o GPC como um contexto de formação contínua formativo e facilitador da (re)construção de pilares da ação educativa, considerando-o como um espaço de prática acompanhada, de interação, colaboração e reflexão (Sá-Chaves, 2000; Meirinho & Galvão, 2014).

### **Grupo Projeto Creche (GPC): aprendendo no fluxo do viver**

O Grupo Projeto Creche (GPC) nasceu no ano letivo de 2008/2009 na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Instituto Politécnico de Leiria (ESECS-IPL), impulsionado pela necessidade de refletir e investigar sobre o trabalho pedagógico desenvolvido em contexto de Creche, com crianças até aos três anos de idade. Iniciou o seu trabalho com uma equipa de seis educadoras de infância (educadoras cooperantes da ESECS) e três docentes envolvidas na então unidade curricular de Prática Pedagógica II do curso de Formação Inicial em Educação de Infância. Os primeiros quatro anos de existência foram de procura de uma identidade própria, de construção e manutenção de uma equipa com pessoas disponíveis para colaborar. Ainda que a equipa se tenha alterado ao longo dos anos, neste ano letivo de 2019/2020 contamos com a participação de quinze elementos: três docentes da ESECS-IPL, uma técnica de educação e onze educadoras de infância que desenvolvem a sua atividade profissional em instituições públicas, privadas e de solidariedade social da Região Centro. Para pensar a dinâmica do grupo e estruturar as linhas gerais do trabalho a desenvolver em grande grupo, emergiu uma equipa de coordenação de quatro dos quinze elementos do grupo. É esta equipa de coordenação que assume a monitorização do processo formativo, a criação de novos desafios de reflexão e investigação e a resposta a questões administrativas internas e/ou externas. Em conjunto, continuamos a partilhar a nossa paixão pela educação de infância, compartilhando experiências pedagógicas, desafios profissionais e dúvidas

científicas, em reuniões periódicas de reflexão e investigação (Dias, 2018a; Couto, Rodrigues, Dias, & Correia, 2017; Dias, Anastácio, Pinto, & Correia, 2010).

Desde o ano letivo 2012/2013 e até ao início deste ano letivo, acordou-se a realização de reuniões mensais de reflexão sobre a prática pedagógica e reuniões bi-mensais para a dimensão investigativa (sempre às segundas-feiras, entre as 18h30-20h30/21h). Tendo como premissa a partilha de experiências entre pares e o aprofundamento didático e científico de questões advindas da prática pedagógica, encontrou-se uma dinâmica distinta para as reuniões presenciais de reflexão e de investigação. As reuniões de reflexão têm uma ordem de trabalho que tem procurado responder aos seguintes tópicos:

1. Partilha de informações e experiências
2. Histórias com crianças

#### **Outros assuntos.**

Para discutir as histórias com crianças, no início de cada ano letivo, cada elemento do grupo redige uma situação vivida com crianças (devidamente contextualizada e datada) que partilha com a equipa de coordenação via email. A equipa de coordenação imprime estas narrativas e coloca-as numa caixa que todos os meses leva para as reuniões de reflexão. Na reunião sorteia-se a história que será, nesse dia, discutida em grande grupo. Seleccionada a história, o autor lê em voz alta a sua narrativa enquanto os restantes elementos do grupo escutam atentamente. Terminada a leitura, há um tempo para cada elemento pensar (e escrever, caso queira), em silêncio, sobre o escutado. Terminado este tempo individual de reflexão, discute-se em grande grupo o significado (pessoal, emocional, pedagógico, científico) da narrativa. Depois da discussão em grande grupo, faz-se uma síntese das ideias coconstruídas e o autor da história fica responsável por compilar esses dados, organizá-los e devolvê-los ao grupo, por escrito, via email (Dias, 2019; Couto, Fonseca, Kowalski, & Correia, 2017).

No final da reunião, um dos elementos do grupo redige a ata que, a posteriori, é enviada para todos os elementos do grupo via email do grupo (grupoprojetocreche.esecs@ipleiria.pt). Um outro desafio advindo do debate conjunto, é a redação de uma reflexão individual sobre o discutido na reunião. Estas reflexões individuais, entre os anos letivos 2012/2013 e 2017/2018, foram previamente discutidas com um par do GPC antes de enviadas para todos via email.

As reuniões de investigação são assumidas por nós como um espaço de trabalho e de divulgação dos estudos em desenvolvimento e realizados em pequenos grupos. No final da reunião há o registo do trabalho efetuado com o preenchimento de uma grelha que visa a resposta às seguintes questões:

- 1) O que fizemos hoje?
- 2) O que aprendemos hoje?
- 3) Quais as questões/dúvidas que hoje levantámos?
- 4) Quais as próximas tarefas a realizar? Quando?

Destas reuniões conjuntas, de discussão e análise de situações reais e significativas, emergiu uma conceção de criança que se consubstanciou nas seguintes palavras: “Pensando na criança até aos 3 anos, destacamos a sua essência enquanto ser humano, cidadã com direitos e deveres, num contexto social específico. Para exercer a sua cidadania necessita de um contexto relacional que dê espaço às linguagens próprias desta etapa da vida. Assume-se, assim, a criança como um ser humano na sua plenitude (que deve ter o respeito e a consideração de todas as partes que a rodeiam) e como um ser competente no sentido em que revela o que sabe e com quem quer partilhar o que sabe. A criança interage de forma intencional com os objetos/pares/adultos que a rodeiam, construindo uma gramática singular educacional” (Carreira, Correia, Couto, Dias, Fonseca, Fonseca, Freitas, ...2018, p.2). Aceitando a creche como um contexto educacional, o grupo assume o papel do educador de infância como um profissional sensível e empático, que avoca a interação responsiva como guia do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança (Dias, 2014).

Conforme Pinto, Kowalski, Dias, Quaresma, Carreira, Lemos, Bagagem ... (2019, p.5),

Ao longo dos anos, as reuniões têm sido um contexto privilegiado para discussão de assuntos como: processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança, relação entre educadores de infância e família, experiências profissionais de educadores de infância, planificação em creche, avaliação em creche, parcerias em contextos extra educativos, projetos em creche, competências desenvolvimento (crianças e educadores de infância).

Este ano letivo (2019/2020), as reuniões de reflexão assumiram a mesma ordem de trabalhos, mas a dinâmica passou a contemplar momentos distintos. Assim, após escutar a narrativa, cada pessoa identifica um referente de análise sobre o qual vai centrar a sua

atenção. No final deste exercício, há a partilha individual do referente e das ideias subjacentes. No final de todas as partilhas individuais e da discussão dos dados escutados, faz-se uma análise conjunta dos saberes construídos em conjunto e uma síntese dos referentes identificados. Com a pandemia (Covid-19), as reuniões foram interrompidas (março e abril 2020), mas retomadas, à distância, no mês de maio. Nesta primeira experiência à distância, partilhámos informações e experiências, discutimos o que é ser educadora de infância, no momento atual, e agendámos a próxima reunião.

### **Da interação à narração: olhando a partir de dentro**

Da vivência destes 11 anos no GPC, destacamos o papel da narrativa no desenvolvimento (pessoal e profissional) dos envolvidos. A partir de uma prática formativa baseada na interação, no trabalho em rede, na partilha oral e escrita, o GPC fomenta a consciencialização e o aprofundamento de concepções e de conhecimentos. Numa lógica de valorização do processo de formação contínua e permanente, consideramos que o GPC cria oportunidades para as educadoras adquirirem segurança e autonomia para produzir inovação pedagógica, tornando-se protagonistas da sua profissão (Azevedo, 2014).

Considerando o GPC como um espaço marcado pelo encontro com o outro e/ou como um tempo de imersão na experiência do quotidiano (Pulino, 2017), reconhecemos que conhecer e viver são inseparáveis e que o sujeito se constrói a si mesmo no viver do seu quotidiano diário (Pellanda & Gustsack, 2015). Ao escutar os relatos de acontecimentos e inquietações das educadoras sobre a sua vida/experiência educativa, o GPC promove um espaço/tempo de partilha de saberes, de questões e de reflexões acerca da prática contextualizada. Esta partilha do já experimentado/vivido, contribui para que cada participante revise os seus conhecimentos, relembre, analise e incorpore as reflexões das suas próprias experiências educativas (Meirinho & Galvão, 2014). Neste contexto formativo que fomenta a escuta de sujeitos com saberes (e ávidos de novos saberes!), os participantes não são testados, nem se reúnem para procurar respostas fáceis ou óbvias. O ambiente de partilha incita os participantes a visitar conhecimentos, a estar disponível ao novo, à possibilidade de se criar a si mesmos e ao mundo, com os outros. Neste sentido, o GPC procura que os participantes sejam “(...) inspirados a pensar, imaginar, expressar-se, afetiva e intelectualmente, na primeira pessoa do singular, como autores de suas próprias narrativas, construídas e exploradas coletivamente” (Pulino, 2017, 424). Costa e Nunes (2016) defendem que, observando, escutando, recordando, escrevendo, questionando, discutindo, aprendemos

sobre nós, sobre as crianças, sobre a profissão. Com pessoas reais, entre interações e relações significativas, transformamo-nos em produtores de conhecimento que entrelaçam teoria e prática. Dando voz a cada participante, num espaço multivocal e polifónico, criam-se oportunidades de aprendizagem, informação, que incitam a mobilização, a problematização e a ressignificação de saberes (Dias, 2018b; Ventura & Cruz, 2019). Esta construção e (re)construção de saberes da pedagogia da infância, vai acontecendo de forma natural e espontânea num ambiente situado, de diálogo com a individualidade de cada um (Meirinho & Galvão, 2014).

Numa lógica de colaboração, o GPC faculta o autoconhecimento e o desenvolvimento profissional porque se revela como “(...) uma prática acompanhada, interativa e reflexiva” (Sá-Chaves, 2000, 75). Defende que cada participante é um ser único, criativo, com potencialidades para o seu próprio desenvolvimento e para melhorar a sua ação educativa. Valoriza a experiência subjetiva, a aprendizagem subjetiva, dando oportunidade a que cada um se escute a si mesmo e aos outros. Invoca os conhecimentos prévios, os valores, as motivações e as emoções, permitindo que cada um explore o ambiente através dos seus sentidos (Dias, 2018a; Gómez, Freire, & Martínez, 2020). Ao fomentar a ligação das várias teias da vida pessoal e profissional, facilita uma transformação (que se baseia nas relações entre aprendizagem, ensino, subjetividade e reflexividade - Costa & Nunes, 2016) e uma construção de conhecimento que se funda nas interações que se estabelecem quando se escuta, se lê e se reflete com e sobre as narrativas pessoais (Sarmiento & Costa, 2019).

A narrativa, enquanto partilha e intercâmbio de experiências de vida, surge como elemento de reflexão e formação docente. Escrever a vida faz o educador pensar sobre os desafios do seu quotidiano profissional e ressignificar o que sabe, o que diz e o que faz. Esta ação divulga os seus saberes (pessoais e privados) e, com isso, contribuiu para o saber coletivo da sua comunidade profissional (Azevedo, 2014; Ventura & Cruz, 2019). Neste sentido, a narrativa surge como “(...) a melhor forma de representação e compreensão da experiência” (Meirinho & Galvão, 2014, p. 61) e como estratégia impulsionadora do desenvolvimento pessoal e profissional (Dias & Kowalski, 2018). Produz sentido ao que somos, ao que fazemos, ao que pensamos, ao que sentimos e ao que dizemos (Azevedo, 2014).

Ao discutir a produção escrita, os saberes compartilhados, refletidos e apropriados pelos pares, tornam-se conhecimentos tácitos (mais) visíveis. Na oralidade partilhada, o sujeito redescobre-se e reinventa-se (Ventura & Cruz, 2019; Sarmiento & Costa, 2019), aprendendo a escutar e a falar sobre a sua prática docente, a aceitar e a acumular ideias dos outros, a

assumir-se como sujeito aprendente de acordo com as suas possibilidades (Azevedo, 2014; Pulino, 2017).

### Considerações finais

O Grupo Projeto Creche (GPC), entendido como um fórum de aprendizagem que parte da realidade narrada individualmente e refletida em grupo, estimula a construção conjunta de saberes na área da Educação de Infância – Creche. Enquanto espaço/tempo de partilha (oral e escrita), fomenta a escuta de sujeitos com saberes e promove o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais.

### Referências bibliográficas

- Azevedo, P. (2014). Narrativas de Práticas Pedagógicas de Professoras que Ensinam Matemática na Educação Infantil. *Bolema*, Rio Claro (SP), 28(49), 857-874. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v28n49a20>
- Carreira, A. P., Correia, S., Couto, D., Dias, I. S., Fonseca, D., Fonseca, V., Freitas, V., Kowalski, I., Leal, R., Lemos, A., Marcelino, P., Oliveira, C., Pinto, A., Quaresma, A., & Rodrigues, E. (2018). Newsletter 2 – Grupo Projeto Creche: A criança em contexto de Creche. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. <https://www.ipleiria.pt/esecs/wp-content/uploads/sites/15/2019/01/News2.pdf>
- Costa, C., & Nunes, S. (2016). Tornar-se educadora/professora – palavras que contam como foi! *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, 25(47), 119-136.
- Couto, D., Fonseca, D., Kowalski, I. & Correia, S. (2017). As nossas histórias com as crianças – Olhares sobre a educação em creche. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação/Grupo Projeto Creche.
- Couto, D., Rodrigues, E., Dias, I. S. & Correia, S. (2017). Grupo Projeto Creche (GPC): história(s) significativas. *Cadernos de Educação de Infância*, 111, 34-37.
- Cunha, M. I. (1997). Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, 23(1-2), 185-195. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>
- Dias, D. (2018a). *Psicologia da Aprendizagem. Paradigmas, motivação e dificuldades*. Lisboa: Edições Sílabo.

- Dias, I. (2019). Day Care Project Group: a glance at continuous teacher training in Early Childhood Education. In M. Licardo & I. Dias (Eds). *Contemporary Themes in Early Childhood Education and International Educational Modules* (pp. 143-145). Maribur: University of Maribur Press. file:///C:/Users/beabe/Downloads/413-14-686-2-10-20190521.pdf
- Dias, I.S. (2018b). Grupo Projeto Creche: relato de uma experiência formativa. *Revista Olh@res*, 6(1), 74-86. <https://doi.org/10.34024/olhares.2018.v6.760>
- Dias, I. S. (2014). De bebé a criança: características e interações. *Revista Eletrónica Pesquisaeduca*, 06(12), 158-172.
- Dias, I.S., & Kowalski, I. (2018). Estratégia formativa a partir da abordagem por competências em educação de infância – uma experiência no Grupo Projeto Creche. *Revista Eventos Pedagógicos*, 9(3), 1218-1243. doi: 10.30681/2236-3165
- Dias, I.S., & Correia, S. (2017). A narrativa na construção da profissionalidade docente do educador em creche. *Iniciação & Formação Docente*, 4(2), 179-192.
- Dias, I.S., Anastácio, R., Pinto, A., & Correia, S. (2010). Investigando prática(s) educativa(s) na primeira infância – o exemplo do Projecto Creche (IPL-ESECS/NIDE). *Cadernos de Educação de Infância*, 91, 46-48.
- Gómez, G., Freire, E., & Martínez, H. (2020). Fundamentos psicológicos de la actividad pedagógica. *Revista Conrado*, 16(73), 303-311.
- Meirinho, S., & Galvão, S. (2014). Processo de supervisão em jardim de infância. Um olhar narrativo em prol do desenvolvimento profissional. *Revista Portuguesa de Educação*, 27(2), 57-81.
- Pellanda, N., & Gustsack, F. (2015). Formação de educadores na perspectiva da complexidade: autonarrativas e autoconstituição. *Educação e Filosofia Uberlândia*, 29(57), 225 – 243.
- Pinto, A., Kowalski, I., Dias, I., Quaresma, A., Carreira, A., Lemos, A., Bagagem, C., Oliveira, C., Salada, C., Couto, D., Fonseca, D., Rodrigues, E., Santos, J., Correia, S. & Fonseca, V. (2019). Newsletter 4 – Grupo Projeto Creche: 10 anos do Grupo Projeto Creche (GPC). Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. <https://www.ipleiria.pt/esecs/newsletter-4-grupo-projeto-creche-10-anos-do-grupo-projeto-creche-gpc/>
- Pulino, L. (2017). Narrativas, infância e educação: reflexões e perspectivas. *Linhas Críticas*, 23(51), 412-427.
- Sá-Chaves, I. (2000). *Formação, conhecimento e supervisão. Contributos nas áreas de formação de professores e de outros profissionais*. Aveiro: Universidade de Aveiro

- Sarmiento, T., & Costa, C. L. (2019). O que fazemos com o que fazem conosco... trilhar caminhos em interação. *Revista @mbienteeducação*. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, 12(2), 58-71.
- Ventura, L., & Cruz D. (2019). Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, 19(60), 426-446. <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.19.060.AO06>

